

O ENGAJAMENTO DE DUNGA RODRIGUES E MARIA DE ARRUDA MÜLLER NAS ATIVIDADES CULTURAIS EM MATO GROSSO

Prof. Ms. Maria E. N. de Oliveira (UNEMAT)

Orientadora: Prof. Dra. Elza Assumpção Miné (USP-UNEMAT)

O trabalho em foco é fruto parcial de uma pesquisa a nível de doutoramento que busca apresentar as escritoras Dunga Rodrigues (1908-2002) e Maria de Arruda Müller (1898-2003), escritoras matogrossenses, como pioneiras na difusão da cultura no Estado de Mato Grosso. Acreditamos que a atenção voltada à atuação dessas duas mulheres, por meio da localização, levantamento e estudo de suas produções, muitas delas esquecidas nos arquivos e publicações da época, nos possibilitará ressignificar alguns aspectos da vida sociocultural e política no cenário histórico de Mato Grosso, especialmente da capital do Estado, Cuiabá. Na constituição do corpus da pesquisa contemplaremos uma amostra representativa do engajamento das autoras em projetos, grupos e movimentos de cunho político-social, bem como buscaremos delinear alguns dos olhares que ambas lançaram sobre os acontecimentos socio-históricos e culturais na cidade de Cuiabá-Mato Grosso, com vistas a um traçado de seus perfis intelectuais. Porém, nos limites desta abordagem focalizaremos em um breve relato biográfico das autoras e em duas de suas crônicas que fazem parte da coletânea do livro *Cuiabá ao longo de 100 anos* (1994), publicado por ambas. Estas se intitulam *O Jornalismo em Mato Grosso* (1994, p. 51), por Maria de Arruda Müller e *Experiência Jornalística* (1994, p. 188), de autoria de Dunga Rodrigues, nas quais as autoras revelam um pouco de suas relações com o jornalismo e nos fornecem elementos relevantes para se pensar o universo cuiabano em um contexto em que também foram personagens. Para tanto, buscaremos sustento crítico-teórico nas contribuições de Antonio Candido (1992), Marcus Vinicius Nogueira Soares (2014) e Ana Filipa Prata (2003) que abordam a constituição e importância da crônica no percurso literário dos autores e na compreensão do espaço urbano, bem como em Maurice Halbwachs (2006) e Ecléa Bosi (1994), quando destacam o papel da memória na reconstituição da vida sociocultural.

Palavras-chave: Dunga Rodrigues. Maria de Arruda Müller. Crônicas. Memória. Vida social.

Ao apresentar Dunga Rodrigues e Maria de Arruda Müller objetivamos dar visibilidade a essas duas mulheres e mostrar a importância que ambas tiveram em um tempo em que Mato Grosso ainda era totalmente liderado por homens. Maria Benedita Deschamps Rodrigues, popularmente conhecida como Dunga Rodrigues, é filha de Firmo José Rodrigues e de Maria Rita Deschamps Rodrigues, nasceu em 15 de julho de 1908, numa quarta-feira em Cuiabá no Estado de Mato Grosso. Ao longo de sua trajetória assumiu várias atividades públicas, como: professora, musicista, historiadora e escritora, além de ter ocupado a cadeira de número 39 na Academia mato-grossense de Letras.

Dunga Rodrigues ministrou aulas de francês e de música, sua atividade preferida, além de ter promovido vários recitais. Aprendeu a tocar piano aos cinco anos de idade e declarou que foi sob a orientação da professora polonesa Helena Müller que mudou sua relação com a música, pois esta a ensinou a tirar a intensidade do som com todo o corpo e não apenas com os dedos.

Segundo João Carlos Vicente Ferreira, na *Enciclopédia Ilustrada de Mato Grosso* (2004), os livros publicados por Dunga Rodrigues são: *Reminiscência de Cuiabá* (1969); *Lendas de Mato Grosso* (1977); *Os Vizinhos* (1977); *Marphysa* (1981); *Cuiabá: Roteiro de Lendas* (1984); *Uma aventura em Mato Grosso* (1984); *Memória Musical de Cuiabá* (1985); *Cuiabá ao longo de 100 anos* (1994); *Movimento musical em Cuiabá* (2000); *Colcha de Retalhos* (2000). No entanto, outras fontes literárias e culturais estão sendo encontradas.

Além das funções supracitadas, Dunga Rodrigues foi membro, tanto do Instituto Histórico e Geográfico do Estado, quanto do Centro de Música Brasileira do Estado de São Paulo, integrando a Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra. A autora era um ser humano ativo que buscava vencer as barreiras do tempo conservando a alegria da juventude. Exemplo desse espírito jovem foi a conclusão do curso de especialização em música brasileira aos 89 anos de idade. A autora faleceu aos 93 anos, no dia 06 de janeiro de 2002, comemorado pelo igreja cristã, o dia de Santo Reis, momento em que se encontrava em Santos, região do Estado de São Paulo, onde se tentava se recuperar de problemas cardíacos. O corpo foi cremado em Santos e as cinzas trazidas para Cuiabá, **onde foram enterradas** no cemitério do Porto. Acreditamos que o desejo em ser cremada deriva da vontade em permanecer livre e não enjaulada, portanto, trata-se de um fato curioso que ainda precisa ser dado maior atenção.

Quanto a Maria de Arruda Müller, esta nasceu em Cuiabá, no dia 9 de dezembro de 1898, filha de João Pedro de Arruda e Adelina Ponce. Seu avô Generoso Ponce foi umas grandes lideranças políticas estaduais mato-grossenses. Atuou na virada do século XIX para o século XX e foi grande incentivador da autora em seus primeiros passos no campo da educação formal, já que sempre a presenteava com livros e incentivava a leitura.

Maria de Arruda Müller foi alfabetizada aos cinco anos de idade, exerceu a atividade de professora desde os dezesseis anos, quando foi auxiliar de professora, deixando as salas de aula somente aos 96 anos de idade por problemas de saúde. Além de Comendadora da Ordem Nacional do Mérito Educativo foi a primeira mulher a conquistar uma cadeira na Academia Mato-grossense de Letras, em 1930. Aqui, portanto, é possível destacar sua ruptura às normas e regras institucionais de uma sociedade patriarcalista, eis, portanto, um dos elos da ação revolucionária dessa mulher que foi sinônimo de cultura em Mato Grosso no século passado. Presidiu ainda

a Legião Brasileira de Assistência durante a Segunda Guerra Mundial, onde também contribuiu com as famílias dos soldados, visando sua qualidade de vida.

A contribuição de Maria de Arruda Müller no cenário de Mato Grosso atinge diversos campos socioculturais, como: política, educação e literatura. No que tange à produção escrita, a autora publicou três livros: *Família Arruda* (1972), *Sons longínquos* (1998) e *Cuiabá ao Longo de 100 anos* (1994), este último em parceria com Dunga Rodrigues. Além de ter colaborado em diversos jornais de Mato Grosso e revistas.

Maria de Arruda Müller recebeu a comenda da Ordem Nacional do Mérito Educativo que visa homenagear personalidades que prestam serviços excepcionais à educação, no ano de 2002, entregue pelo então ministro da Educação, Paulo Renato de Souza. Entre suas inúmeras contribuições e legado destaca-se, ainda, a fundação da primeira revista feminina de Mato Grosso, *A Violeta*. A autora faleceu de infarto em 4 de dezembro de 2003, às vésperas de completar 105 anos, no Hospital Santa Rosa, na capital do Estado de Mato Grosso, Cuiabá.

A coletânea de crônicas do livro *Cuiabá ao longo de 100 anos*, abarca o contraste do universo ficcional e histórico da vida sociopolítica e cultural da capital do estado de Mato Grosso entre os anos de 1889 a 1991 e nos mostram como as respectivas autoras leram alguns dos momentos históricos vivenciados na capital do Estado. Embora não iremos adentrar no caráter estrutural da crônica, é crucial destacar algumas de suas características. Trata-se de um gênero genuinamente brasileiro, bem como de uma composição, como diria Antonio Cândido (1992) criada ao “rés do chão”, a qual apresenta uma delimitação tênue entre jornalismo, literatura e história, trazendo em sua narrativa discursiva a hibridez que contagia o leitor, talvez por fazer parte de uma literatura marginal, criada nos contextos das vivências humanas. É importante destacar que algumas das crônicas que compõem a coletânea foram primeiramente impressas em jornais que veicularam na capital do Estado de Mato Grosso. Destaca-se ainda que devido o espaço destinado à difusão do gênero nos jornais, muitas destas produções se apresentavam apenas em fragmentos, daí optarmos por sua publicação no livro.

As crônicas apresentam as *ranhuras* da sociedade, aspectos que, na maioria das vezes, não se encontram registrados na história oficial, pois apresentam um olhar de subversão aos componentes que formam a identidade nacional. Trata-se de um gênero discursivo que registram as tramas que envolvem não apenas a cultura de determinada região, mas as culturas de vários países, muitas vezes, sendo abordadas de maneira jocosa ou irônica, especialmente, quando estas surgem trazendo a superioridade de uma

cultura sobre a outra, indo do fato acontecido à ficção, é narrada de forma leve, mas provocadora. Como afirma Antonio Candido (1992, p.13), “por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo dia”.

Candido (1992) aborda ainda que a crônica surgiu inicialmente apenas como uma publicação efêmera, ou seja, sem a intenção duradoura de ser publicada em livro, já que era filha do jornal e ocupava espaço na era da máquina, onde tudo é passageiro, fugaz. Porém, a partir de uma leitura atenta dessa produção discursiva é possível perceber que ela ultrapassou a própria função para a qual foi criada, como é o caso do objeto de estudo em foco, impresso em livro. Trata-se de um gênero, ainda de acordo com o autor, que encontrou no Brasil um terreno fértil e acolhedor para sua difusão, tanto que, como já salientamos, pode ser considerado um gênero tipicamente brasileiro, vejamos: “No Brasil ela tem uma boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu” (CANDIDO, 1992, p. 15).

Marcus Vinicius Nogueira Soares (2014) também defende a proposição de Antonio Candido ao relatar ser a crônica um gênero essencialmente jornalístico, que só alcançou notoriedade recentemente no início do Séc. XX, o autor atribui este fenômeno à mudança da imprensa editorial que começa a apresentar este gênero em coletânea impressa em livros, a este respeito enfatiza que: “[...] a valorização da crônica salta de um extremo a outro: do quase desaparecimento em sua precariedade de gênero vinculado ao jornal à sobrevivência garantida pelo título de primeiro gênero genuinamente nacional” (SOARES, 2004, p. 10).

Os textos da coletânea *Cuiabá ao longo de 100 anos* caminham por entre o universo supracitado e mostram a habilidade das respectivas mulheres na arte do narrar, as quais incitam reflexões sobre o discurso das histórias que compõem o acervo cultural do contexto de produção enlaçado às práticas cotidianas das quais elas também foram personagens. É importante evidenciar que não há preocupação exarcebada com o relato histórico ou com o objeto estético, mas como a própria autora descreve na primeira crônica que compõe a coletânea é apenas “[...] um passeio sentimental pelo passado”.

Ao considerar o exposto ressaltamos o caráter social da memória na produção de ambas, de modo que se perceba que a mesma ultrapassa o plano meramente individual. De acordo com Maurice Halbwachs (2006) são os grupos sociais que ditam tanto o que deve ser memorável quanto os lugares onde a memória deve ser preservada, podemos

traduzí-la como reminiscências do passado e vislumbrar como estas submergem no modo de ver e sentir o mundo de cada um em particular, no entanto, as memórias nunca se subscrevem apenas no nível particular, pois as lembranças, ainda de acordo com o autor, não podem existir desconectadas do contexto social, aspectos que podemos confirmar nas crônicas de Maria de Arruda Müller e Dunga Rodrigues.

Maria de Arruda Müller (1994, p.54), na crônica *O Jornalismo em Mato Grosso*, destaca que o primeiro jornal editado em Mato Grosso foi o *Themis Matogrossense*, ainda produzido em trabalho rudimentar e datado de 14 de agosto de 1839. Salienta ainda que se no Brasil a imprensa só surgiu a partir de 1808 é compreensível que este tenha se instituído em Mato Grosso três décadas depois. Logo após houve outros editoriais de vida efêmera, pois somente um século depois é que surgiu o editorial *O Estado de Mato Grosso* sob direção do jornalista Arquimedes Pereira Lima que foi contratado pelo governo para executar tal atividade, passando por vários outros diretores. Destaca ainda que ao longo do tempo o jornal foi se modernizando, tanto em sua estrutura física quanto em seu conteúdo.

O jornal, em 1950, passou a ter novo titular ou outro dono o Sr Pedro Rocha Jucá, substituindo nesta direção até o ano de 1987. [...] com feição ultra moderna não devem do nada aos diários de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, o Estado de Mato Grosso sede no município de Várzea Grande [...] inicia uma bela etapa de sua vida empresarial, dotado dos mais modernos e completos equipamentos com seções de clichéria, assuntos sociais, crônicas políticas (MÜLLER, 1994, p. 54).

É importante destacar que a crônica permite apresentar o talento literário de observadores atentos às práticas cotidianas, de modo que haja uma mesclagem entre a vida social e cotidiana do povo recheada pela perspicácia e habilidade do narrador. Ao considerar este gênero que se originou por meio do suporte jornalístico, Lenine C. Póvoas (1994, p. 53) evidencia que, a contribuição da imprensa na difusão da cultura em Mato Grosso foi fundamental e pouquíssimas cidades com tão poucos habitantes tiveram o privilégio de ter tão bons editoriais. O autor apresenta uma lista constando os editoriais desde 1839 a 1929 e ressalta que:

Se formos aos arquivos e compulsarmos os jornais daquele fase áurea da nossa evolução cultural, - os anos que ficaram entre a Guerra do Paraguai e a Resolução de 1930-, veremos o alto nível daquela imprensa. Os artigos muito bem lançados, focalizando assuntos versados com extraordinária precisão e lógica de argumentação e,

sobretudo, numa linguagem castiça, num português corretíssimo (PÓVOAS, 1994, p.59).

Lenine C. Póvoas destaca a visita do ilustre escritor Monteiro Lobato em terras matogrossenses em 1936 e sua boa impressão a respeito do nível intelectual do Estado, especialmente no que tange ao trabalho editorial. Nesse sentido, Dunga Rodrigues (1994, p. 186), relata que muitos escritores da literatura tornaram-se conhecidos por intermédio de suas relevantes contribuições em jornais, entre eles destaca a figura de Machado de Assis, Rui Barbosa, Agripino Grieco, Humberto de Campos e, lamenta o fato de ainda no período desta produção não haver no Estado de Mato Grosso uma faculdade de jornalismo e acrescenta que se houvesse teria mudado o rumo de sua vida, já que desde cedo começou a se interessar por escrever os fatos corriqueiros do cotidiano.

Dunga relata que o primeiro Jornal que coordenou recebeu o nome *Faísca* e circulou clandestinamente na escola e não era bem visto pela professora. Ao salientar o fato, a autora assume um tom sarcástico “A nossa professora, a despeito de sua grande competência e dedicação ao ensino, uma excelente mestra, classificava o jornalismo como artimanha ou coisa indecorosa para meninas educadas. O jornal, segundo o seu juízo divulgava muita impropriedade literária” (RODRIGUES, 1994, p. 186).

A escrita de Dunga Rodrigues apresenta traços da sua personalidade, em tom humorístico e extrovertido ela narra fatos dessa sua primeira experiência jornalística ainda no quarto ano primário e mescla a este a aguçada observação que tinha sobre os fatos pitorescos que contribuíram para que se tornasse uma importante expoente da cultura mato-grossense:

Algumas colegas, sentiram-se preteridas por não aparecerem seus nomes no jornalzinho, e uma delas me interpelou magoada. Na realidade era tão apagadinha, enfeitada pelo gorriño horroso do uniforme, que só embelezava a Filota, Adelaide de Faria Couto, uma belezinha cacerense com gorro ou sem ele (RODRIGUES, 1994, p.186).

A autora descreve ainda sua colaboração no jornal *O Recreio* de circulação mensal produzido, ainda, de forma manuscrita quando cursava o ginásio no Liceu Cuiabano, primeiro colégio Estadual de Ensino em Mato Grosso, bem como a contribuição de outras mulheres na produção do exemplar. Nesse viés destaca que apenas em 1927 adentrou a imprensa oficial com a colaboração no jornal *A Chrysallida*,

bem como, posteriormente, com a publicação de Crônicas esparsas, tanto no *Estado de Mato Grosso* quanto no *Diário de Cuiabá*.

As informações acima são expostas na crônica *Experiência Jornalística* de Dunga Rodrigues, texto que compõe a coletânea *Cuiabá ao longo de 100 anos*. Somos sabedores de que muitos escritores escreveram suas primeiras produções a partir de pseudônimos e/ou heterônimos, em Mato Grosso não foi diferente. Ainda nesta produção a autora narra a divertida identidade de Jean Claude que por vários anos assinou as Crônicas do Estado de Mato Grosso e que permaneceu uma incógnita entre seus leitores. Porém, há pistas na crônica de Dunga que nos leva a crer que havia por trás do gentlemann de sangue azul a figura feminina.

Conta-nos a autora, que chegou na cidade um conde, do qual fora anfitriã e, na época a capital fornecia poucos atrativos, seu ímpeto primeiro foi levá-lo à prainha onde viram uma cabra pastando ao lado de dois cabritinhos e, destaca que apenas aos olhos de um poeta a imagem poderia agradar, então tratou logo de narrar as histórias que sempre agradava aos visitantes, a abundante riqueza das terras mato-grossenses:

Voltei às histórias de sempre, buscando Miguel Sutil e todo o ouro que ele arrancou, no vale da Prainha. Não sou pintora, mas sei dar boas pinceladas do ouro em nossa história até dar brilho de cobiça aos olhos dos meus interlocutores. O nosso conde não fugiu à regra, extasiou-se com o relato. Meu Deus! Tanto ouro, estapolando a ourivesaria, invadindo até a cozinha, brilhando nas panelas e castiçais e nos objetos mais insólitos. Ele se encantou com Cuiabá, com suas igrejas, com suas ruas em desalinho, mas construídas sobre um ouro que se exauriu rápido. Enfim, a dengue da cidade, plantada em seu passado, talvez não o deixasse reparar em mim (RODRIGUES, 1994, p. 188).

A descrição minuciosa dos fatos apresentados por Dunga nos remete ao período da produção, onde a Capital do Estado, ainda, vivia sob a história da exploração do ouro, já que a riqueza advinda do mineral enchia os olhos dos visitantes de admiração e cobiça. A autora descreve ainda que a visita do conde à capital de Mato Grosso forneceu por muito tempo subsídio para as crônicas de Jean Claude. Esta figura emblemática vai aos poucos tomando forma física com a descrição minuciosa e cuidadosa de Dunga Rodrigues que conta com perspicácia a atuação do personagem no jornalismo mato-grossense:

A primeira crônica do imaginário Jean Claude teve forma epistolar, veio-nos de Capri, cidade italiana (nome inspirado nos caprinos que

pastavam despreocupados à beira do córrego); enviou-nos suas fortes impressões e nossa pacata cidade, com interessante passado histórico, contrastando com a atualização da nossa maneira de ser, em pauta com os acontecimentos atuais do mundo. **Também fazia referências elogiosas ao mundo feminino elegante (grifo nosso, RODRIGUES, 1994, p. 189).**

A autora descreve ainda a adesão dos leitores pelas histórias de Jean Claude e por alguns termos em francês que eram utilizados em suas escrituras. Considerando que Dunga era professora de francês é interessante pensarmos na real identidade do jornalista, ao mesmo tempo em que ela tenta desconstruir na trajetória da narrativa esta suspeita do leitor “o meu jeito de viver, afastava qualquer hipótese de pessoa ligada à arte de bem vestir, do conhecimento das coisas finas, ou atenção aos rumores que se denominam fofocas” (RODRIGUES, 1994, p. 189), ela o coloca diante do enigma identitário do jornalista ao destacar seu amplo conhecimento das coisas narradas por Jean Claude, assim em primeira pessoa “mas adquiri um bom conhecimento em figurinos, porque vivi entre modistas [...] assim transmiti ao Jean Claude toda a crítica dos vestuários que desfilavam nos bailes e no Jardim Alencastro” (RODRIGUES, 1994, p. 189).

Dunga destaca ainda que Jean Claude ao querer desvendar o mistério de sua identidade propôs uma festa onde premiaria “as dez mais elegantes do set social cuiabano. O local foi o Clube Náutico e o crachá consistia num broche de ouro, com o nome de cada eleita” (RODRIGUES, 1994, p. 190) e salienta que, embora a festa tenha sido um sucesso, o principal personagem, Jean Claude, não apareceu e encaminhou duas cartas para apaziguar o ânimo dos leitores. Vejamos o que a autora expõe:

Aliás este cronista escreveu duas cartas, que eu própria lhe conferi uma nota alta com louvor. A primeira vinda de Capri, continha descrições reais, fidedignas, pois **eu acabara de conhecer este local, encantando-me com o seu casario branco, subindo os morros, o mar turquesa do mediterrâneo e os reflexos do sol na Gruta Azul.** A segunda carta, justificando a ausência no baile de gala, veio tecida de igarapés do Amazonas, garças e outras aves silvestres. O cheiro da mata exuberante, enfim **eu acabara de ler as descrições minuciosas da região, nos contos de José Veríssimo e de Gastão Cruls** (RODRIGUES, 1994, p. 190).

Destaca-se no fragmento acima, a estratégia discursiva da autora para enredar o leitor no mistério da identidade do jornalista, bem como intensifica o conhecimento cultural da escritora em foco e nos fornece substrato para o seguinte questionamento: será Dunga Rodrigues parte da real identidade do jornalista Jean Claude?

Dunga aborda que com o passar do tempo surgiram outros Jeans Claudes o que obrigou o original a “voltar ao ninho antigo” e que Dona Maria Lígia uma das progenitoras do enigmático jornalista quis acabar com o mistério, mas apareceram muitos pais para o mesmo, o que nos leva a acreditar na permanência do enigma, porém, como leitores, somos sabedores de que Jean Claude teve origens nobres, pois sua configuração foi plasmada na pessoa de um conde de verdade, com quem Dunga Rodrigues entabou uma conversa histórica e fantasiosa à beira da prainha (RODRIGUES, 1994, p. 187).

As respectivas autoras foram artífices de uma produção preocupada com o seu lugar e com a sua gente e, sobretudo, com a ideia de fazer circular estas memórias de modo a manter viva a cultura do povo cuiabano. Ambas delineiam vivências do cotidiano e fornecem elementos para que possamos observar as inúmeras formas de atuações do seu povo frente a uma realidade que começava a sofrer alterações por meio das forças políticas e os princípios de modernização, os quais começavam a surgir lentamente, mas que já intervinham na forma de organização sociocultural da região. Assim, apresenta um panorama representativo do cenário histórico e cultural da época e destacam a forma como o sistema vigente contribuía ou não para a emancipação sociopolítica e cultural da região centro oeste.

Por meio da leitura das crônicas é possível visualizar aspectos importantes de aproximação e distanciamentos entre a produção de ambas, de um lado a fronteira tênue entre o histórico e o ficcional que enfatiza que os sentidos de fruição do texto literário que nos permite vê-lo não apenas como objeto estético, mas como uma espiral de inegável complexidade ao apresentar os modos viventes por meio da experiência individual, os quais se inscrevem em determinado tempo histórico e, ao mesmo tempo, permite ao leitor vislumbrar sua atemporalidade, ou o seu diálogo inegável com o tempo presente. Por outro lado há as diferenças estruturais das narrativas que mostram as características particulares de cada uma, enquanto Maria de Arruda Müller apresenta uma linguagem mais séria, objetiva; Dunga Rodrigues assume um tom entre o casual e o jocoso, como bem afirma Müller já na introdução da coletânea ao relatar que Dunga “aborda cenas pitorescas, lendas e estória o “folclore”, fotografando a alma bondosa e ingênua de nossa gente. Mais reservada, sensaborona, realista, desativada é a sua colaboradora”, fala de si mesma e enfatiza “[...] talvez até fique interessante o contraste” (MÜLLER, 1994, p.05). À medida que se avança na leituras das lembranças

de ambas confirma-se a proposição de Müller, pois parece ser nestas diferenças que elas se completam.

As autoras associam suas lembranças aos fatos que ocorriam no momento vivido, de modo a nos permitir enfatizar que há uma dialética entre suas memórias autobiográficas e suas memórias socio-históricas. A este respeito Maurice Halbwachs (2006, p. 92) salienta que há complementariedade entre a memória autobiográfica e a memória social, ou seja,

a primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso (HALBWACHS, 2006, p. 92).

Ainda segundo Halbwachs (2006), toda história de vida está inclusa na história geral, pois mesmo quando estou sozinho teço diálogo com outros, pois adoto mesmo que, momentaneamente, ponto de vista de outros, entro em universos de outros grupos, estabeleço diálogos. Porém, vale destacar que há uma complexidade considerável neste modo de ver o papel da memória, pois,

para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Há nas narrativas de Dunga Rodrigues e de Maria de Arruda Müller este pacto entre o eu e outro ou outros descrito por Halbwachs, pois percebe-se que as autoras por inúmeras vezes se encharcam de lembranças suas e dos outros, preenchem suas narrativas com discursos alheios, mas que são ativados pelas suas lembranças particulares. Tais conjecturas podem ser confirmadas em diversas passagens das crônicas, como em *A rua grande*, por exemplo, onde Dunga destaca: “a minha avó não me puxou as orelhas, porque não era seu hábito bater em crianças, mas voltei para casa debaixo de uma saraivada de recriminações. Um falatório das tias, por esse ato de falta de educação”. (RODRIGUES, 1994, p.15). Ou ainda na crônica de Maria de Arruda Müller que se intitula *Vida social*:

É deveras surpreendente ao forasteiro, até mesmo a conterrâneos não muito ligados aos eventos do passado, saber que em Cuiabá já se fazia teatro no século XVIII: “É inacreditável!... Era só o que faltava!...” divertidamente repelem essa asserção... [...] Entretanto, uma sociedade culta, aficionada às exibições teatrais, não tem um teatro municipal, existente, em todas as capitais do País. Os cofres municipais sempre vazios, dão a medida desse pretense descaso... (MÜLLER, 1994, p. 68-69).

As crônicas da coletânea *Cuiabá ao longo de 100 anos* nos permitem perceber como as autoras leram os momentos socioculturais e históricos que vivenciaram em Mato Grosso, mas para além disso, nos permitem advogar a estas os perfis de grandes divulgadoras da cultura e suas inegáveis veleidades literárias, visto suas rupturas aos padrões convencionais da época. De acordo com Ana Filipa Prata (2010, p. 40):

Este tipo de texto caracteriza-se não pela sua permeabilidade formal e pela sua característica marginal em relação a outras formas de discurso, mas também porque permite ao seu autor expressar-se livre e subjectivamente sobre a história de sua cidade. A crônica é portanto um instrumento particular de construção histórica, uma forma de habitar o espaço, constituindo mais uma das práxis do quotidiano. Encerrando escrita e acção, cumprindo a sua função de city text, a crônica elabora um outro discurso, um discurso permeável e imprescindível à compreensão da complexidade do tecido urbano (PRATA, 2010, p. 40).

Compreende-se assim, as produções das autoras não como rasa imagem da sociedade cuiabana, mas como representação de uma realidade com seu poder de atemporalidade, ou seja como narrativas que apresentam um tecido que se faz vivo e atuante em qualquer que seja o momento histórico por meio da movimentação inferida pela dialética existente entre autor-leitor. Inferimos, portanto, que a produção em foco é composta de tempos vividos, fragmentos das histórias ouvidas e vivenciadas por Dunga Rodrigues e Maria de Arruda Müller em dado momento da história da sociedade cuiabana. Isto significa dizer que trata-se de relatos sobre a matéria da experiência. Portanto, dar visibilidade a essas ilustres figuras, *jogar luz sobre o seus legados*, é um dos caminhos para fortalecer a cultura no Estado de Mato Grosso.

A proposta que ora defendemos, portanto, é que o engajamento sociocultural, político e literário das referidas personagens-autoras do nosso diálogo expande o conceito de representação de uma realidade, ou seja apresenta possibilidades de se compreender o ser e o estar no mundo não apenas de um local de determinada cultura, mas que ao delinear esta cultura expande o olhar para o universal ao apresentar os traços

de complexidade existentes no espaço urbano, portanto, não se trata de produções fechadas apenas ao regional.

Ao ser primeiramente difundida no jornal, este gênero discursivo tornou-se popular, já que encontrava-se impresso num importante veículo de propagação da literatura, contribuindo significativamente para divulgar a observação criteriosa do cotidiano feita pelos intelectuais sobre os variados temas que (de)formaram a sociedade brasileira, de forma a legitimar os seus lampejos de memória. Isto significa dizer que para além de um dado momento histórico, as crônicas apresentam elementos ficcionais e históricos que se convergem para anunciar e denunciar as diversas facetas de um mundo que não está feito, mas que está incessantemente se fazendo pela-na linguagem, são facetas que advem de inúmeros lugares e não de determinadas regiões mais ou menos privilegiadas.

Referências

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. IN: **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

MÜLLER, Maria de Arruda, RODRIGUES, Dunga. **Cuiabá ao longo de 100 anos**. **Cuiabá**: UFMT, 1994.

PRATA, Ana Filipa. **A crônica como prática narrativa da cidade**: entre conservação e acção. IN: *Forma breve*. Revista de literatura. Aveiro: Universidade, 2003.

PÓVOAS, Lenine. Apresentação 1889 – 1991. In: MÜLLER, Maria de Arruda, RODRIGUES, Dunga. **Cuiabá ao longo de 100 anos**. *Cuiabá*: UFMT, 1994.

SOARES, Marcus Vinicius Nogueira. **A crônica brasileira do século XIX**: uma breve história. São Paulo: É Realizações, 2014.